

rebeca



Revista Brasileira
de Estudos de
Cinema
e Audiovisual

**“Revides infantis”:
de quando fomos ao cinema e saímos do armário**

Vinícios Kabral Ribeiro¹
Diego Paleólogo Assunção²

¹ Doutor em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ). Mestre em Cultura Visual (FAV/UFG). Graduado em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda; Relações Públicas (UFG). Professor Adjunto do curso de História da Arte - EBA/UFRJ.
Email: vrkabral@eba.ufrj.br

² Estágio de Pós-doutoramento no PPGCOM, UERJ. Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ. Mestre em Letras pela PUC-Rio. Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Email: diego.paleologo@gmail.com

**Resumo**

Aparecer. Dar-se a ver. Imagear. O que acontece quando a luz acende, a cortina fecha e temos que nos levantar? O que fazer ao sair da atmosfera fílmica, da espectralidade cúmplice? Retomar a vida transeunte, à deriva e à errância? Estar imerso no cinema é, também, estar fora do armário. Do cativo que criamos para nós mesmos, dos modelos que enraizamos de vida, felicidade, prazer, sexualidade. O ensaio aposta na possibilidade de ampliar nossas gramáticas eróticas e os repertórios de afetividade, a partir das experiências e audiovisualidades de pessoas fora dos marcos da heterossexualidade compulsória.

Palavras-chave: espectralidade transviada; cinema; sexualidades.

Abstract

Appear. Make ourselves visible. Visualize. What happens when the lights are turned on, the curtains are closed, and we have to get up? What to do when we must leave the filmic atmosphere and the complicit of the spectoriality? Must we resume a passerby life, adrift and wandering? Being immersed into the movies is also being out of the closet; out of the captivity that we create for ourselves, out of the rooted models of life, happiness, pleasure, and sexuality. This essay bets on the possibility of expanding our erotic grammars and affectivities repertoires from experiences and audiovisualities of people outside the framework of compulsory heterosexuality.

Keywords: queer spectatoriality; cinema; sexualities.



“Nada meu é hétero”

(Caetano Veloso)³

“Se quiserem saber se pedi muito
Ou se nada pedi, nesta minha vida,
Saiba, senhor, que sempre me perdi
Na criança que fui, tão confundida.
À noite ouvia vozes e regressos.
A noite me falava sempre sempre
Do possível de fábulas. De fadas.
O mundo na varanda. Céu aberto.
Castanheiras douradas. Meu espanto
Diante das muitas falas, das risadas.
Eu era uma criança delirante.
Nem soube defender-me das palavras.
Nem soube dizer das aflições, da mágoa
De não saber dizer coisas amantes.
O que vivia em mim, sempre calava.
E não sou mais que a infância. Nem pretendo
Ser outra, comedida. Ah, se soubésseis!
Ter escolhido um mundo, este em que vivo,
Ter rituais e gestos e lembranças.
Viver secretamente. Em sigilo
Permanecer aquela, esquiva e dócil.
Querer deixar um testamento lírico
E escutar (apesar) entre as paredes
Um ruído inquietante de sorrisos
Uma boca de plumas, murmurante.
Nem sempre há de falar-vos um poeta.
E ainda que minha voz não seja ouvida
Um dentre vós, resguardará (por certo)
A criança que foi. Tão confundida”
(Hilda Hilst, 1980: 208).

³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/premio-faz-diferenca/2018/familia-veloso-a-vencedora-do-premio-faz-diferenca-na-categoria-segundo-cadernomusica-23905350>. Acesso em: 16 de setembro de 2020.



Eu falo com você, transviada.

Assistindo ao horário eleitoral, fui surpreendido por uma convocação assombrosa, contudo sintomática do nosso tempo. Um candidato a prefeito da cidade do Rio de Janeiro dirige-se a um eleitor conservador (fechem os olhos e imaginem essa figura cis-hétero branca masculina). Então, eu falo com você, espectadora transviada. Falo pensando em você que tem seus direitos violados, vive restrições para o acesso à educação, saneamento básico, água tratada, eletricidade e internet. Que vive em moradias precárias, insalubres, ameaçadas de despejo. Falo pensando nos meus amigos que morreram pela literal trans-lesbo-homofobia letal (ou nos seus efeitos diários) que mina a potência de agir, adoce o corpo, torna as pernas cansadas e os pensamentos desalentadores. Falo pensando nas mães pela diversidade⁴, em Avelino, o Pardal, pai do Lucas⁵. Pensando em minha avó, ao entender ao seu modo que assim sou, de nascença.

Cada vez mais tenho percebido a *homo-sensualidade* como uma dádiva, bem aos moldes de Marcel Mauss (2013). O dom, damos e recebemos com alegria. A alegria que estiliza nossas vidas, que nos conecta provisoriamente, que aplaca os apetites conservadores sobre nossos corpos. O *potlatch*, onde distribuímos entre nós a riqueza produzida pelo trabalho LGBTQIA+, desde suas tecnologias de sobrevivência às notas coloridas que imprimimos no mundo. Do entendimento que nos permite atravessar o tempo, nos apoiar e constituir uma comunidade desejante.

Penso em dois filmes, que constituem meu revide infantil: *Para Wong Foo, Obrigada por Tudo! Julie Newmar*, de Beeban Kidron (1995), e *Buddies*, de Arthur Bressan Jr. (1985). Estes dois filmes tocam em questões muito sensíveis para mim. Retomo um episódio que vivi no começo do ano, numa cachoeira na cidade do Rio de Janeiro. Foi como um filme de Claire Denis, *Sexta-feira à noite* (2002). Sai por aí, desligando o celular, num mundo esquisito. Lagoa, quiosque árabe, bike rio, *Americanas Express*, cachoeira do horto. “As bichas não são aventureiras”, ele disse. *Instagram* de nudez artística, um leonino incorrigível, não parava de falar, ao mesmo tempo reclamava que eu não falava. Moqueca de banana da terra, batata Pringles. Puxa, que larica. Nunca vi isso. Comeu uma manga inteira, escorrendo em seus pelos, juntando-se à água. Uma atmosfera à la Apichatpong.

Muitos beijos, aquele gostinho na boca, estava bom que nem consigo dizer o quanto. “Ei, seus viados, vocês querem morrer?”. Putz, homofobia hoje não. Um

⁴ Disponível em: <https://maespeladiversidade.org.br/>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

⁵ O ativista e jornalista Lucas Fortuna foi vítima de homofobia letal em 18 de novembro de 2012. Seu pai, Avelino Fortuna, segue a luta de seu filho, nossa luta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y0mhTcyAdwY>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.



enunciado performativo, como diria Butler (2003), que cria uma realidade. Medo de morrer. Caçados na floresta por um grupo de homens héteros. Isso é a capacidade de oprimir, dizer ao outro, no caso “nós”, que ele tem o poder sobre as nossas vidas. É uma sensação de revirar o estômago.

Então, recordo-me de Vida Boheme, Noxeema Jackson e Chi-Chi Rodriguez, em *Para Wong Foo*. Drag queens que se conectam pela expressão de gênero, mas também pela expulsão familiar e a hostilidade de um mundo cis-masculino heterossexual branco que as deseja mortas. Em uma jornada heroica, três drag queens negociam suas diferenças, as tensões raciais e migratórias. Estabelecem alianças pontuais com mulheres cis brancas do meio oeste americano e enfrentam a violência do macho cis branco hétero. O mesmo *ethos* masculinista que ainda hoje constitui a realidade de muitas famílias brasileiras, um país onde o feminicídio e transhomofobia são epidemias.

E onde penso em *Buddies*, quando Robert diz a David que ser expulso de casa é como a imagem de um filme antigo, quando a criança é abandonada em uma noite escura, em plena tempestade. Muitas de nós, se não foram expulsas de casa, fomos expulsas simbolicamente. Apartadas do convívio familiar, isoladas, interrogadas, obrigadas a frequentar religiões que nos machucam, não nos acolhem ou a fazer terapias de reversão. Quebram nossas asinhas, como disse Pedro Lemebel⁶. Refazer as asas é uma das potências do cinema. Nas brechas, nas ranhuras, nos palimpsestos, vamos colando os caquinhos, criamos um mosaico de vida e possibilidades.

Partimos para jornadas íntimas, verdadeiros *road movies* mentais, onde abandonamos as clausuras da cissexogeneridade compulsória. Em modo de fuga, percorrendo vasto mundo, entendemo-nos, tornamo-nos entendidas. O cinema nos faz mais entendidas, espertas, safas. Robert, em *Buddies*, pergunta a David sobre como ele percebeu que era gay. David acha a pergunta invasiva, mas acaba se descontraindo quando Robert relembra que para ele foi aos 9 anos, ao ver um rapaz mais velho que trabalhava próximo de sua casa. Eu achava que era um privilégio cis-heterossexual não precisar responder quando a pessoa se percebeu cis-heterossexual. Mas retomando a ideia do dom, da dádiva, recordo que algum sinal estava ali, com Vida, Noxeema e Chi Chi. Eu não viveria, como nas palavras de Ida, de *Problemas Femininos* (John Waters, 1974), um mundo entediante heterossexual.

Não sei se descobri ser entendida ao ver *Para Wong Foo*, mas confesso que é bem estimulante imaginar Ru Paul ao som de Cindy Lauper, abrindo os portais para

⁶ Falo por minha diferença, poema de 1986.



outros mundos. Como Beeban Kidron⁷ nos diz: somos contadoras de histórias crônicas. Arrisco dizer que mais que contadoras, somos colecionadoras, coletoras e recicladoras de histórias. Uma certa experiência espectral transviada não nos salva ou nos redime, mas nos encoraja. Ela nos traz até aqui, um espaço onde não somos apenas pesquisadoras interessadas no campo do audiovisual, mas interessadas também em ouvir/falar com/dos/por nossos corpos. É como Robert, em *Buddies*, que sonha em sair do hospital e ir solitário a Washington marchar com um cartaz para que o governo dos Estados Unidos da América libere recursos para as pesquisas e tratamentos de HIV/AIDS. Nós, no tecido familiar que costuramos, também empunhamos cartazes, mas não silenciosas.

Aliás, não é de hoje que o silêncio foi rompido. Sim, fomos soterradas em muitos momentos. Nossos arquivos podem ter desaparecidos, dispersados, queimados, ignorados. Mas somos escavadoras, como nos disse Gayle Rubin (2017). Partilhamos, retomamos, rememoramos vidas singulares. Pensar nestes termos não é anular as diferenças ou sonhar com simetrias. Ao contrário, observar como, de modos tão distintos, com nossos marcadores sociais da diferença, podemos encontrar pontos de inflexão.

Nossas imagens, nossas memórias nos convocam e proclamam: somos uma potência estética. No horror midiático em que estamos mergulhados, as visualidades do cinema operam como um azougue, uma proposta e um convite a acreditar no mundo, nos demorar nas paisagens afetivas e olhar para os nossos arquivos pessoais, revisá-los e trazer à tona o invisível. É o gesto de viver a vida em seu mais puro acontecimento, no seu desdobrar ora suave, ora abrupto. Estamos além, no futuro.

Voltando em 2018: véspera de eleição presidencial e SOCINE em Goiânia. Depois de percorrer alguns bares, tomamos a saideira ao lado do hotel que hospedou a maior parte das participantes. Na calçada, um carro parou e a motorista pediu informações, não sabíamos indicar. As ocupantes do veículo perguntaram de onde éramos, achamos difícil responder, éramos muitas, de muitos lugares. Então, no inesperado da madrugada, a condutora profetizou: Vamos ser gay pra sempre! É sobre isso.

⁷ Disponível em: https://www.ted.com/talks/beeban_kidron_the_shared_wonder_of_film?language=pt-br. Acesso em: 29 de outubro de 2020.

**Atenda
ou morra**

é um telefone que toca
na noite
antes do filme

*what's your favorite scary movie?*⁸

não haveria libélula ou louva-deus
que não matasse todos os homens
e no lastro de corpos decepados
o que irá nascer?

como se o meu maxilar
e meus dentes
não dessem conta

Tudo continua com um sonho.

Despertar, abrir ou não os olhos, abrir os olhos.

Ela me contou assim, por mensagem mesmo, escrevendo que era uma história verdade – uma expressão meio oximorônica, em suas próprias palavras:

Estávamos passeando em uma cidade histórica, passávamos por parque e cemitério, até encontrar uma charanga e um povo fazendo carnaval. Mas e a COVID, a gente se perguntava. E os foliões, bêbados, suados e felizes cantavam: ~~acabou~~. Aí uma frase veio no meu ouvido e eu despertei meio de supetão, com medo de acordar Alê. A frase era assim: “Todo ato de ciência é um ato de barbárie. Cada pesquisa, cada artigo é uma ação violenta. Resta saber contra quem”.⁹

Eu tenho sonhado com animais, sonho muito
com animais

meus sonhos são lineares e estranhos, estranhamente realistas, como um banho ou um passeio.

⁸ Qual seu filme de terror favorito? Tradução nossa. Referência ao filme *Pânico*, de Wes Craven, 1996.

⁹ Sonho de Ramayana Lira, enviado por mensagem na manhã do dia 24 de outubro de 2020.



São animais gigantes, animais que deslizam pela água ou nadam no ar, no espaço, sobre a minha cabeça ou sob meu pés.

“não confunda minha bondade com fraqueza”¹⁰

Fechem os olhos, apenas por um instante. Convoquem o cheiro da terra úmida depois de uma chuva, o apagado perfume de madeira queimada. Ou ainda, quem sabe, os odores esmaecidos de um abandonado parque de diversões, pipoca doce, caramelo, essas coisas.

Imaginem uma imensa cúpula, uma redoma geodésica, uma tenda – primeiro a estrutura, como um esqueleto, em seguida as placas-pele de algum material opaco cobrindo tudo. Lá dentro, sentada nesse chão de terra, você (ou eu) – uma espectadora aguardando algo começar. Um filme. Uma experiência. Um choque.

Escuro e frio.

Aparece, cintila, uma primeira imagem em uma das placas, da pele (tela-pele como prótese¹¹).

Que imagem é essa? Seus olhos se ajustam.

É o fragmento de um –

Enquanto você tenta decifrar, mesmo que já saiba, outra imagem aparece.

E mais outra. Como vagalumes. Elas piscam, *tremeluzem*, algumas se movem, desaparecem. Siderada/o ali dentro, o corpo que vê: eu, você, muitas. São imagens que reconhecemos, algumas, com facilidade e alegria; outras, com recusa e tristeza – ou ódio. São cenas, fragmentos, pedaços de coisas que assistimos e que nos marcaram.

Imagens deixam cicatrizes.

Nesse cinema transcendental, você percebe que as imagens não surgem como vagalumes sobreviventes, mas sim como uma criatura aquática que leva o nome de *Melanocetus* – aquele peixe que habita o presente das profundezas abissais dos oceanos e que carrega em sua cabeça uma pequena luminescência fantasmagórica.

Esse peixe pisca a luz para atrair suas presas. É um/a predador/a.

¹⁰ Trecho de uma música. Se não me engano, já utilizei em outro texto. Conheci através da música *4 5 seconds*, com Rihanna, Kanye West e Paul McCartney. Há uma outra canção que leva o título *Don't take my kindness for weakness*, de 1979, do grupo *Soul Children*.

¹¹ Susan Buck-Morss, *A tela do cinema como prótese de percepção*.



Você, eu e quem mais quiser, percebemos que as imagens são como criaturas/entidades que nos seduzem e, atraídos por suas luminescências, somos engolidos, tragados, devorados para mais fundo – para reinos de estranhezas fabulosas.

Meu nome verdadeiro é caixão enterro
Cemitério defunto cadáver
Esqueleto humano asilo de velhos
Hospital de tudo quanto é doença
Hospício
Mundo dos bichos e dos animais
Os animais: dinossauro camelo onça
Tigre leão dinossauro
Macacos girafas tartarugas
Reino dos bichos e dos animais é o meu nome
Jardim Zoológico Quinta da Boa Vista
Um verdadeiro jardim zoológico
Quinta da Boa Vista
(Stela do Patrocínio, *Reino dos bichos e dos animais*)

BOTANDO O MUNDO INTEIRO PRA GOZAR E SEM GOZO NENHUM¹²

Não estamos mais em uma cúpula geodésica e sim flutuando nas profundezas líquidas/aquosas de mundos desconhecidos. Toques gelatinosos, ásperos, escorregadios, úmidos, tudo como uma língua, escamas, corpos translúcidos, sal. Desejos desgovernados, desordenados.

Mas um contradiscurso *queer* potente em áreas tão diversificadas quanto a biologia evolutiva, produções artísticas de vanguarda, longas-metragens de animação e filmes de terror expurga as forças resistentes da heterossexualidade e as recoloca em um universo improvável, mas persistentemente queer. (HALBERSTAM, 2020: 66).

Não me interessa mais interpretar (*ir contra a interpretação?*)¹³ o filme, e sim deixar que as imagens me comam. O reino das imagens é um oceano; um ecossistema terrível e fantástico.

Imagens são monstruosidades: fazem *ver*, fazem *fazer*, re_velam; assim como monstros, são fabricações, fabulações, montagens, estranhamentos (re)animados que adquirem vidas.

¹² Stela do Patrocínio, *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2001.

¹³ Susan Sontag, *Contra Interpretação*.



Atravessado esse corpo do *Melanocetus*, estamos em outros reinos. Lá (aqui, onde?) não há imposições compulsórias de regimes binários de gênero e sexualidades. Imagens não são, se isso faz algum sentido, heterossexuais, mas no trânsito entre *imagem* e *olhar*, no espaço no qual a expectativa irrompe, elas podem assumir e/ou performar pluralidades, estados híbridos, mistos.

Trecho de uma notícia

Aparentemente delicadas e belas, as libélulas podem ser os caçadores mais brutalmente eficazes do reino animal, sugere uma pesquisa americana. Quando saem para se alimentar de outros insetos voadores, as libélulas conseguem arrebatá-las os seus alvos no ar em mais de 95% das vezes. Eles vão rasgar a presa e esmagá-la como uma bola, e mastigar, mastigar e mastigá-la (...) as libélulas têm um apetite interminável.

Fim do trecho da notícia¹⁴

Assim como libélulas, *espectadoras não conformadas* às normas heterodoxas rasgam as imagens no ar, as esmagam, as devoram, as transformam; desorganizam forma e conteúdo; interceptamos as imagens, as cortamos, reviramos num contrafluxo, num curto-circuito, num apocalipse/revelação.

E as borboletas estão invadindo
Os apartamentos, cinemas e bares
Esgotos e rios e lagos e mares
Em um rodópio de arrepiar
Derrubam janelas e portas de vidro
Escadas rolantes e nas chaminés
Se sentam e pousam em meio à fumaça
De um arco-íris se sabe o que é
(Zé Ramalho, Alceu Valença, *A Dança das Borboletas*)¹⁵

Eu queria guardar os fantasmas incandescentes em vidros

Outro dia estava folheando umas revistas que encontrei. Eram revistas da década de 60, grandes e com uma impressão impecável, páginas brilhantes e imagens perfeitas. *Esquire*, era o título da publicação. O subtítulo, bem abaixo do nome, em elegante fonte manuscrita, dizia “*the magazine for men*”¹⁶. Página após página de reportagens, entrevistas, ensaios fotográficos e propagandas voltadas ao “público masculino”.

¹⁴ Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/libelulas-estao-entre-predadores-mais-vorazes-da-natureza-8005066>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

¹⁵ Canção composta por Zé Ramalho e Alceu Valença; no álbum Zé Ramalho, 1978.

¹⁶ “A revista para homens” - tradução nossa.



Seria possível, claro, um longo estudo acadêmico sobre essa publicação, sobre a construção e manutenção ordenada dos desejos, do comportamento, do consumo. Mas, como diz Vini, isso é cansativo e já foi exaustivamente feito. Sabemos o que vamos encontrar ali: um extenso compêndio de misoginia, homofobia, padronizações e masculinidades entediadas.

Dei-me ao trabalho, durante alguns minutos, de recortar alguns desses homens – sempre, obviamente, brancos, bem-sucedidos e esbeltos - arrumá-los sobre duas folhas de papel, deitar essas folhas com esses homens sobre uma cama de gravetos e bolas de papel amassado e queimar. “*Dei-me ao trabalho*” porque, enquanto recortava, sem me preocupar com os detalhes, pensava: *pra quê? Quem vai ver isso? Que diferença isso vai fazer?* Mas é sobre continuar cortando.

Estou fazendo esse movimento para mim, estou fazendo esse ritual aqui, fisicamente sozinho, mas conectado com tantas outras, eu tô fazendo e há momentos nos quais apenas podemos ir fazendo. De alguns homens de papel eu recortei a cabeça fora; de outros, um pé, a mão... juntei tudo ali e queimei. E isso aqui, esse gesto que seja, esse “trabalho”, abre para alguns espaços que preciso modular.¹⁷

É queimar as imagens de um regime político, ético, estético, que se enraíza pelas entranhas do mundo há muito tempo. *Nunca mais*, diz o corvo *queer* de Edgar Allan Poe, *nunca mais* a heterossexualidade compulsória, nunca mais o mundo que colapsa, anuncia uma ecologia assombrada, perturbadora e estranha.

Queimar. *Queimar*. Incendiado, acendido por dentro por Adriana Azevedo, Vinícios Ribeiro, Alessandra Brandão, Ramayana Lira. Tantos filmes nos quais as pessoas queimam tudo, *Carrie, queimar até o chão*, só restam as cinzas, cremar o corpo, salgar a terra, impedir que nasça mais coisas ali, *queimarei minha casa até o chão*, Cersei explode o Septo de Baelor¹⁸ com todos dentro, queimar para não deixar vestígios de um modelo; ruínas, ruínas.

Fênix.

(são tantas encarnações)

O que surge nessas ruínas? Os vestígios, os fragmentos, os restos. Um pedaço que se torna toda uma história e já não me importa se é verdade ou não. Foi ali que eu peguei no pau de um homem pela primeira vez e agora, ali, é um templo neopentecostal. E ao lado, grudada ao lado, literalmente, parede com parede, com um letreiro neon, uma sexshop. O outro cinema também virou um templo.

¹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/diegopale980/>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

¹⁸ Game of Thrones, HBO. Sexta temporada, 2017. Cersei Lannister (Lena Headey) leva a cabo o plano de explodir, no dia do seu julgamento, o Septo – uma igreja – com todos os seus inimigos dentro.



Mas não me importo, porque virá um meteoro, redemoinhos de fogo, uma tsunami e destruir tudo. Há pouco tempo viralizou uma notícia de um bíblia que permaneceu intacta durante um incêndio que destruiu uma casa em Pato Branco. Um dos melhores comentários irônicos, em meme, foi algo do tipo “ainda bem que só a casa toda queimou”.¹⁹

Pedro funda a Igreja sobre uma pedra.

Fundamento em pedra.

Nossos corpos recebem as pedras.

Encontrar pedras. Geologia. Arquitetura.

Agora temos que aprender a construir nossas casas no ar.

O outro movimento é a construção. Falamos em construir mundos.

Construir. Inventar.

Vou guardar as cinzas. Vou guardar os fantasmas.

A selvageria tem me interessado mais. Penso nas hibridações selvagens, desorganizadas, desordenadas, nos momentos de afundamentos, nos quais expandimos nossas animalidades.

Lembro dos meus pais e do quarto do casal – aquele foucaultiano. Do lado do meu pai, na mesinha de cabeceira, na parte de baixo, revistas *Playboy*²⁰. Esse incentivo visual compulsório pela heterossexualidade e depois dizem que é “natural”. Mais do que incentivo, nos empurram para esse abismo e nós que lutemos.

Ou você sente desejo por isso ou você é um/a *freak* – estranho, bizarro, doente.

Lá nos concretos ou concretudes desse regime encontramos as pistas, os vestígios, as ruínas de quem veio antes, de quem veio depois; ouvimos, escutamos os chamados e somos levados por vozes, fantasmas, criaturas-coisas visíveis e invisíveis, *Melanocetus*, aos vales, oceanos, florestas, casas e abrigos.

A cidade branca cis_heterossexual *will burn/vai queimar. Está queimando/Is burning*. Talvez não reste nem os vales nem as florestas nem o espaço; talvez a água do mar esteja muito revoltada e não permita habitações; talvez as águas dos rios e lagos estejam muito quentes e ácidas e habitadas por bactérias que devoram o cérebro humano.

Talvez.

¹⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/10/10/nao-acreditei-quando-vi-diz-dono-de-editora-de-biblia-que-ficou-intacta-em-incendio.ghtml>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

²⁰ No Brasil, a *Playboy* foi publicada pela editora Abril de 1975 até 2017.



Inventar

Ou quem sabe o que? Ecologia estranha, bicha, kuir cuir queer, negra, trans, sapatão, indígena, feminista, não-binária. As monstruosidades irão destruir esse mundo e fertilizar/fecundar outros. A tela-pele inventa isso o tempo todo: *Mothra*, uma gigante mariposa divina; as dinossauras de *Jurassic Park*; monstros *queer* do espaço sideral; a multidão kuir de criaturas das florestas, matas, cerrados e águas brasileiras – como na música do Secos e Molhados, *O Vira*:

Bailam corujas e pirilampos
 Entre os sacis e as fadas
 E lá no fundo azul, na noite da floresta
 A lua iluminou a dança, a roda, a festa
 Vira, vira, vira
 Vira, vira, vira homem, vira, vira
 Vira, vira, lobisomen
 Vira, vira, vira
 Vira, vira, vira homem, vira, vira²¹

Revides Infantis

A imagem já está formada, antes mesmo de raça, gênero e sexo. Onde desamarrotamos a pele das bichas pretas? (ANDREY RODRIGUES CHAGAS, 2018)

"Bicha" (ou bixa, no internetês, como aponta o minidicionário do *Guia GLS São Paulo*) ainda é uma palavra ofensiva. Nunca fale. Nunca escreva. Oficialmente. O risco de reprovação é imenso. Mas "bicha malvada" é uma expressão diferente. Praguejar contra esse tipo de personagem parece ser mais aceito no meio social. Não só pela diversão perversa do veneno destilado, mas porque, num mundo em que todos posam de certinhos, parece existir ainda uma necessidade de figuras que façam o circo pegar fogo, que provoquem reações extremas ou expressem a raiva, a fúria, o ódio e também os preconceitos coletivos.

Engana-se quem se coloca fora dessa classificação. "Bicha malvada" é um estado de espírito, de porco, péssimo, diga-se. Mas todos têm seus surtos de "xoxopatia", neologismo

²¹ Canção composta por João Ricardo e Luhli, no primeiro álbum do Secos e Molhados, em 1973. A formação da banda, nesse período, era composta por João Ricardo, Ney Matogrosso e Gérson Conrad.



para aquela tendência de xoxar em excesso, de criticar deus e o mundo, com requintes de crueldade, em uma vontade histórica de provocar polêmicas, destruir reputações ou opiniões sacralizadas pelo senso comum. O gay xoxopata gosta também de encarnar vilãs de novelas e filmes, imita risadas de bruxas e, em sua mente meio perturbada, planeja tramas de vingança e revides infantis.

É fácil simplificar esse desejo de fazer o mal gratuitamente com o discurso de que tudo é fruto da insegurança, do estigma de vítima discriminada pela sociedade ou de falhas de educação ou falta de caráter. No longo e tortuoso processo de aceitação da homossexualidade, há realmente um instante de muita energia negativa acumulada, um ódio contra tudo e contra todos pela censura social de ser visto como gay, marginalizado. Mas a "bicha malvada" é algo mais carnavalesco, do sonho de ser uma diva mimada, de quem tudo se perdoa, afinal, é considerada uma existência singular, um talento nato. Será?

Do norte ao sul do país, dos ricos aos pobres, dos letrados aos analfabetos, existem códigos em comum na prática de apontar defeitos nos outros, de ridicularizar e avacalhar, de até causar o mal e a dor para obter alívio psíquico ou prazer momentâneo de se sentir em posição superior. Haja amargura, inveja, rancor e recalque.

"Acorda, Alice" é o que uma bicha malvada costuma dizer para o seu perfil antagônico. No mundo da xoxopatia, tudo é um enredo de Gilberto Braga. Não há espaço para ingenuidade nem romantismo. Tudo é movido pela ambição, pelo interesse financeiro, pelo "vale tudo", pela ética da escrotidão.²² (RIPARDO, 2010).

²² <https://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/788831-confira-o-pequeno-manual-da-bicha-malvada.shtml>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.



Fale, leia e aprenda com as bichas. Sabedoria de outras rotas, navegações por outros mares. A bicha é uma tecnologia, um inventário de habilidades para desenhar outros mundos fora dos marcos da heterossexualidade compulsória (RICH, 2012). Não concordamos com o texto acima, publicado pela *Folha*, exceto ao aventar a possibilidade de sermos existências singulares: somos!

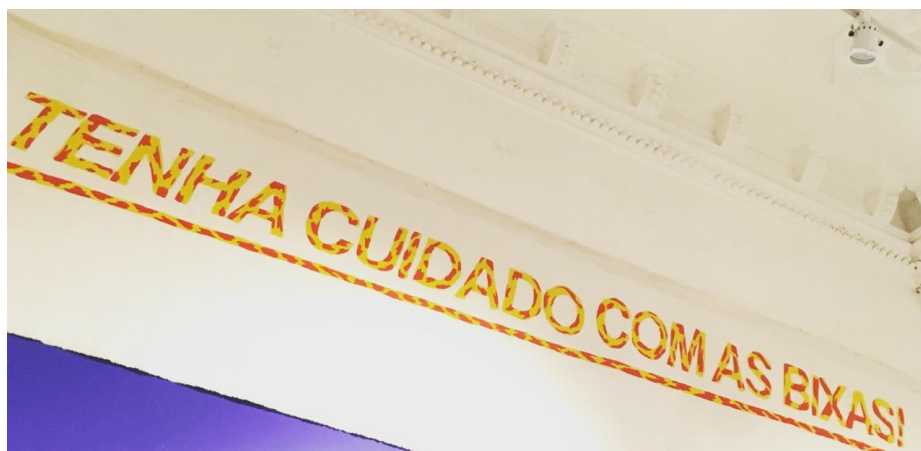


Figura 1: Ato-intervenção “Noite estranha: Cuidado, Convivência, Agência”. Concebido por Gabe Passareli, Marta Supernova, Clarissa Ribeiro e Lorrán Dias, em diálogo com a vida, obra e poética de Matheusa Passareli. Fonte: Registro doméstico de Vinícios Ribeiro.

Somos bichas amadas. Cuidado com as bixas (Figura 1)²³, parte do Ato-intervenção *Noite estranha: Cuidado, Convivência, Agência*, que estava no Parque Lage, à época da exposição *Queermuseu*. Entre bichas tecemos o cuidado, a cura e a reparação. Revertemos as imagens dolorosas, limpamos as feridas e tornamo-nos crianças²⁴. A bicha é uma mediação entre mundos. Uma trama coletiva, uma perspectiva, uma navegação no mar revolto da história. Parafraseando Guimarães Rosa, a bicha é “um mutirão de todos, por todos remexida e temperada”.²⁵ Mas nesses “todos” não cabem “todos”, apenas as entendidas. Se supostamente a capa de *O Pasquim* (Figura 02)²⁶ é que nacionalizou o termo bicha, tomamos a tentativa de ofensa

²³ *Noite estranha: Cuidado, Convivência, Agência*: Ato-intervenção concebido por Gabe Passareli, Marta Supernova, Clarissa Ribeiro e Lorrán Dias, em diálogo com a vida, obra e poética de Matheusa Passareli. Disponível em: <http://despina.org/noite-estranha-cuidado-convivencia-agencia/>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

²⁴ Ver o dossiê “Tornar-nos Crianças: Auto/etnografias, cuidados e reparações” <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/11028>. Acesso em: 30 de outubro de 2020.

²⁵ “Porque a vida é um mutirão de todos, por todos remexida e temperada”. Guimarães Rosa (Grande Sertão: Veredas).

²⁶ James Green (2003), a partir do Historiador José Luiz Braga, relembra que foi o jornal *O Pasquim* responsável pela popularização da palavra bicha, nacionalmente, como sinônimo de homossexualidade.



das mãos do macho e devolvemos a alegria. Somos herdeiras de Madame Satã, escolhemos ser/viver: “gostei mais de ser bicha, e por isso fui bicha”.²⁷



Figura 2: Capa de O Pasquim com a chamada: “Todo paulista [que não gosta de mulher] é bicha”.

Fonte: https://webmanario.files.wordpress.com/2010/07/pasquim_capa.jpg.

Acessado: 30 de outubro de 2020.

Nossos revides infantis passam por recusar a misoginia e declarar o nosso amor às mulheres trans e cis, nos reconciliarmos com nossas figuras maternas. Estamos tramando, mas nosso plano é nos aliar ao fim do patriarcado, ao antirracismo e a toda estrutura de dominação que retira o poder dos corpos não-heterossexuais, não-cis, não-machos, não-brancos. Seguir a receita de Sandra de Sá e fazer um picadinho de machos. Neste ensaio, novamente metamorfoseando-nos em borboletas, a fim de opor-nos à fissura hétero em nos catalogar, massacrar, rir e debochar. Pegamos as imagens que visam estereotipar e as estilizamos. Recortamos delas o que sobra ou não nos interessa. Habitamos as lacunas e nelas promovemos a fantasia. Como no poema de Hilda Hist, que abre o texto, é: “viver secretamente. Em sigilo”. O sigilo não como oposição ao orgulho e a expressão livre das nossas sexualidades. Mas como um

²⁷ Frase de Madame Satã, retirada do artigo acima, de James Green.



segredo poderoso que guardamos entre nós: viver feliz em um mundo que nos quer mortas.

Por fim, não é possível inventariar um manual da bicha (mesmo no binarismo boa ou malvada, do texto da *Folha*), pois nossos corpos transbordam classificações e taxinomias do delírio heterossexual. Somos um processo, uma metamorfose, um renascer sobre ruínas, feito de cinzas com o armário que queimamos e das películas que habitamos!

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Adriana; ASSUNÇÃO, Diego; RIBEIRO, Vinícios. Tornar-nos Crianças: Auto/etnografias, cuidados e reparações. In: REBEH V.3 N.9 (2020). Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/issue/view/626>. Acesso: 30 de outubro de 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUCK-MORSS, Susan. *A tela do cinema como prótese de percepção*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2009.

CHAGAS, Andrey Rodrigues. "Quem chora pelas bichas? As marcas queimadas a ferro na pele-corpo de bichas pretas". Trabalho apresentado no III Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, realizado entre os dias 19 e 21 de setembro de 2018, Belém/PA. Disponível em: <http://www.eavaam.com.br/anais/anais/2018/gt14/74.pdf>. Acessado: 07 de fevereiro de 2021.

GREEN, James. "O Pasquim e Madame Satã, a 'rainha' negra da boemia brasileira". In: *Topoi*. V. 4, n. 7, jul.-dez. 2003, pp. 201-221. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v4n7/2237-101X-topoi-4-07-00201.pdf>. Acessado: 30 de outubro de 2020.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife: Cepe, 2020.

HIST, Hilda. *Poesia: 1959-1979*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1980.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo, Cosac Naify, 2013.

PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

RICH, Adrienne. "Heterossexualidade compulsória e existência lésbica". In: *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

RUBIN, Gayle. "Geologias dos estudos queer: um déjà vu mais uma vez". In: *Sociedade e Cultura*, 19(2), 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/48676>. Acessado: 30 de outubro de 2020.

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.

Submetido em 15 de setembro de 2020 / Aceito em 25 de janeiro de 2021.